

Literatura e mediação interdiscursiva

Maria Zilda Ferreira Cury*

Resumo

Este texto propõe, entre outras, uma reflexão sobre o conceito de Espaço literário enquanto lugar de trânsito de discursos e sobre o ensino de literatura.

Palavras-chave: Literatura; Interdiscurso; Ensino; Mediação.

L'attitude mentale de mise à la place de l'autre est la réflexion, et le langage de la réflexion est le dialogue avec soi-même pose tout à tour comme je et tu. (Michel Meyer)

A literatura configura-se como espaço em trânsito e de remanejamento entre discursos e saberes, onde gêneros discursivos entram em diálogo e desacordo. Neste meu texto busco refletir sobre tal conceito de espaço literário, privilegiadamente levando em consideração o aspecto transdisciplinar do discurso sobre a literatura e os conceitos de mediação, migração e trânsito discursivo. Procurarei fazê-lo, no entanto, tangenciando questões do ensino de literatura e do acesso a ela, literatura, e a ele, ensino. Este meu texto assume-se como uma fala incompleta, que tenta mais fazer provocações do que propriamente elaborar conclusões.

Se o discurso pedagógico não foi ainda atingido por uma radical força desconstrutora no que se refere a uma efetiva descentralização de uma voz de poder, a problemática da democratização, de alguma forma, atinge a escola, a universi-

* Universidade Federal de Minas Gerais.

dade e nos obriga à revisão de posições. Com isso quero também dizer que, hoje, na área das Ciências Humanas, a própria exigência dos temas que se é obrigado a tratar leva-nos a uma revisão do *corpus* que constitui nosso objeto de trabalho. Em decorrência, também o professor se pergunta como criar situações de maior abertura frente à inevitável interlocução presente na relação pedagógica.

Pensando na minha atividade como professora, pergunto-me que lugar é este a partir do qual construo o meu discurso. Transmite-se alguma coisa a partir dele? É o que se pergunta Barthes (1975):

Imaginemos que sou professor: falo diante de e para alguém que não fala. Sou aquele que diz EU (que importam os rodeios do sujeito indeterminado, do nós, ou da frase impessoal), sou aquele que, a pretexto de expor um saber, propõe um discurso, que nunca sei como é recebido, de modo que nunca posso tranquilizar-me com uma imagem definitiva, mesmo ofensiva, que me constituiria: na exposição, melhor denominada do que se imagina, não é o saber que se expõe, é o sujeito que se expõe. (p. 31)

E é justamente este centramento num eu-emissor, pretensamente detentor de um saber que supostamente se pode transmitir, repassar como um líquido que se verte dentro de um recipiente vazio, que ameaça o saber como interlocução. Octavio Paz (1976) nos mostra a distinção entre esta postura, autoritária, e uma outra mais aberta e plural. “O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e como monólogo. O primeiro se fundamenta na pluralidade; o segundo na identidade” (p. 102).

Ao se conceber o lugar do professor como descentrado, tem-se também a certeza da inexistência de um saber pronto, completo, que se possa, ainda que gradativamente, transmitir. O saber é uma construção, que se faz na relação eu/outro, no cruzamento de olhares e práticas discursivas sobre o objeto, na busca de uma significação em movimento. O saber se constrói na exposição das articulações entre as linguagens do mundo, na instigação do leitor, também ele mediador e criador de discursos.

A Universidade deve almejar ser o espaço de resgate desse lugar privilegiado de cruzamento de discursos, opiniões e saberes. Um espaço público, de descoberta e de transmissão de conhecimentos, um modo de pensar a sociedade e de recuperá-la na riqueza de diferentes visões. O discurso do ensino, nesse caso, pode propor-se como um contínuo oferecer-se à réplica, como o espaço que se cria para o aprimoramento de linguagens em contradição. Particularmente o ensino da literatura presta-se a tal processo. A “verdade” do saber se estruturaria assim como uma ficção a partir da qual outro fala e o seu valor seria fazer da linguagem um lugar onde é o outro que diz. Sair do centro, deixar que a linguagem fale também na margem:

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.
(LEMINSKI, 1987, p. 70)

Se, como nos ensina Barthes em *Aula* ([19--]), a literatura se articula como espaço privilegiado de congraçamento de conhecimentos, o discurso que se volta para o literário, seja o discurso da crítica, seja, principalmente, o discurso do “ensino” da literatura, da reflexão teórica sobre esse objeto tão inapreensível, deve procurar tangenciar esse *locus* descentrado, esse lugar perturbador de um não fechamento da linguagem. Em face do discurso literário, professor e aluno são interlocutores que, diante do mundo dos homens e das coisas, podem alternar-se na condução do jogo interpretativo. Na linha do pensamento de Barthes, diria que uma aula pode também ser o lugar de deslocamento e descentramento de saberes, o lugar da “produtividade do saber”. Para tanto, ela demanda uma linguagem intercambiável, para a qual é fundamental a fala do outro, de um leitor que também, desconfortável e inquieto, restitui alguma coisa sempre, já que todos os discursos são, na verdade, retomadas.

A própria noção contemporânea de texto se encontra sobremaneira ampliada, assumindo os discursos socialmente produzidos que se dão à leitura de modo plural e mestiço: um filme, o espaço urbano, uma música, uma propaganda, um conto, um quadro, dão-se à leitura, como textos, expondo-se como uma rede multidependente de significações. Também a assim chamada cultura dos *midia* produz significações interdiscursivas, colocando em diálogo gêneros e imagens. Assim, por exemplo, **Corra que a polícia vem aí** cita a famosa cena de Eisenstein, em que se mostra um carrinho de bebê rolando escada abaixo. Para um público não familiarizado, contudo, com o assim chamado cinema de arte ou com o clássico do diretor russo, a citação pode estar sendo mediada por outro filme mais recente, **Os intocáveis**. E, por outro lado, mediada por tudo isso, para o leitor que detém todos esses códigos, ou mediada, a significação, por nada disso, mas por tantos outros textos com os quais o leitor pode dialogar. Também o espaço literário mais canonizado sofre releituras do cinema ou do teatro, por exemplo, e é esta, muitas vezes, a única informação que finalmente chega ao leitor. Assim, se este último não lê diretamente Machado de Assis, conhece seus personagens nos filmes ou na novela de televisão. Por sua vez, como diz Ricardo Piglia, a literatura do futuro é mestiça. E o escritor argentino fala da literatura latino-

americana contemporânea misturada aos filmes e aos romances policiais, estes últimos considerados “baixa literatura” há até bem pouco tempo. E assim tecem-se as redes textuais, já que uma textualidade pronta, concluída, tal como aparentemente é dada ao leitor, nunca se constrói no singular, é sempre plural, desdobrando-se em outros textos e fazendo confluir na escrita e na leitura individuais a escrita e leitura coletivas, de tempos e espaços diversificados. Ler um texto é, pois, situar-se num campo de inter-relações. Nossos cursos de literatura nas Faculdades de Letras, há muito que não dispensam o diálogo com a produção cinematográfica, com as artes plásticas, com a linguagem da imprensa e dos computadores. As literárias imagens do mundo vão do papel à tela do computador, transformando o que se convencionou chamar literatura, através da infinidade de suportes ocupados pelo texto literário. Por seu lado, a Teoria da Literatura e a Literatura Comparada não se contentam com a reflexão sobre o texto, tomado no seu sentido estrito e nem com o referencial metodológico mais específico, mas recorre à Psicanálise, dialoga mais intensamente com a Filosofia e Ciências Sociais, com a sofisticação da Física Quântica, cria novas pontes com o discurso da História, já que os textos que compõem o que se convencionou chamar literatura não logram compreensão se vistos isoladamente. Como a própria formação da palavra inter-disciplinaridade nos evidencia, ela nos aponta uma relação dialógica, de relação criativa entre as diferentes disciplinas, entre as várias áreas do conhecimento. Sobre isso nos fala Barthes (1988):

O interdisciplinar, de que tanto se fala, não está em confrontar disciplinas já constituídas das quais, na realidade, nenhuma consente em abandonar-se. Para se fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um ‘assunto’ (um tema) e convocar em torno duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém. (p. 99)

A criação do novo, assim encarado, exige a relativização de certezas. E o empenho para o diálogo permanente com o outro pode ensejar práticas discursivas mais ricas e abertas. Este espaço interdisciplinar, transdisciplinar, cria arcabouços interpretativos que ocupam um entre-lugar enriquecido por múltiplos olhares. Hoje, não só o mundo acadêmico, mas também o mundo social ampliado, o mundo do trabalho, exigem um homem de múltiplas leituras e um pesquisador que transite por várias disciplinas.

Criam-se também gerações diferenciadas de leitores, para cuja sensibilidade o espaço escolar tem de estar atento. Gostaria de rapidamente me referir a um filme, **Getting Straight**, de 1970, cuja ambientação retrata a efervescência dos movimentos universitários dos finais dos anos 60. O personagem principal, interpretado por Elliot Gould, é um jovem monitor encarregado das aulas de literatura. Um, dentre os alunos, era considerado um “caso perdido” por outros

professores, julgado como portador, inclusive, de algum tipo de deficiência mental. Marcou-me o bilhete apostado à prova por ele elaborada e que dizia mais ou menos o seguinte: “Professor, o senhor fez com que me emocionasse com Dom Quixote tanto quanto me emocionou com Flash Gordon”. E essa é uma faculdade do literário – ou seja, a de que sendo profundamente histórico, poder ser atualizado pelo leitor de diferentes épocas – que certamente cumpre ao ensino de literatura manter sempre viva esta aproximação entre o texto literário e a sensibilidade contemporânea de seus leitores. Talvez seja, pois, a construção – síntese inacabada entre descoberta e transmissão – a metáfora mais apropriada para o texto literário e para o ensino de literatura. E é um poeta que elabora, no interior mesmo de um poema, esse conceito. Refiro-me ao poema “Rios sem discurso”, de João Cabral de Melo Neto (1994):

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.
(p. 351)

O discurso literário, formado por muitas vozes, faz ressaltar tantos outros fios individuais que se projetam e se configuram em curso, permeando-se mutuamente para se construir. Cada fio representa uma individualidade. Falando dessa característica, nos diz Octavio Paz (1976): “A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo ao falar com os outros; a do monólogo em que nunca sou eu, mas outro, o que escuta o que digo de mim mesmo” (p. 102).

E, mais adiante, o escritor mexicano salienta que a poesia, a linguagem literária, ancoram-se na tentativa, embora vã e utópica, de sustentação da contradição. Diz-nos ele: “A poesia sempre foi uma tentativa de resolver esta discórdia através de uma conversão dos termos: o eu do diálogo no tu do monólogo. A poesia não diz: eu sou tu; diz: meu eu és tu. A imagem poética é a outridade” (p. 102).

A literatura, também como a entende Deleuze (1997), está antes do lado do informe, ou do inacabamento. Escrever é um caso de devir, sempre em via de fazer-se (p. 19) e desse ato a crítica só se aproxima enquanto desvio (BLANCHOT, 1984). A literatura se apresenta como este lugar de cruzamento de discursos. Nos diz Barthes (1980) que “(...) verdadeiramente enciclopédica, a lite-

ratura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e este indireto é precioso” (p. 18).

Calvino (1990, p. 131) também lança mão da idéia de enciclopédia para falar do literário. Referindo-se aos grandes romances do século XIX, diz que eles podem ser apreendidos pela idéia contraditória da enciclopédia aberta. Contraditória porque na palavra enciclopédia existe a pretensão de esgotar o conhecimento do mundo, de abarcar, portanto, uma totalidade, negando assim a abertura. Por um outro lado, o mesmo Calvino nos diz que hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltipla. E a literatura, neste seu movimento de simultâneas inesgotabilidade e suspensão de sentidos, na sua apresentação e presentificação de linguagens em construção, é mesmo lugar privilegiado de habitação e cruzamento discursivos.

Cabe aqui a imagem do rizoma realizada por Deleuze e Guattari (1995). O rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com linhas de fuga (p. 33). Profundamente ancorada num solo histórico, como já foi colocado anteriormente, mediada e mediadora por excelência do solo ideológico e do campo discursivo em que deita suas raízes, contraditoriamente a literatura é atópica, suspendendo sentidos já prontos e transcendendo, por sua própria natureza, o contexto em que se situa.

Cumprido, então refletir sobre este conceito – mediação – que também definiria o espaço de atuação da literatura. A mediação é um conceito que se reporta a processos existentes na rede de relações socioculturais, dando forma a ações de múltiplos agentes. Todavia, exatamente porque os processos aos quais a mediação se refere são extremamente dinâmicos, exatamente porque não existe o momento da mediação mas tão-somente o movimento cujos atributos se sintetizam sob esse nome, é que é difícil trabalhar-se teoricamente esse conceito. O isolamento de um fenômeno priva-o de sentido, porque o remete apenas às relações exteriores. O conceito de mediação indica que nada é isolado e implica o afastamento de oposições irreduzíveis e sem síntese superadora. Concretamente isso é somente possível através da historicização desse fenômeno. A História implica o movimento das mediações e elas são assim históricas, nesse sentido, superáveis e relativas, nunca universais, possibilitando a concretização das teorias. Esta categoria conceitual ajuda-nos a pensar o mundo contemporâneo, caracterizado pela intersemiose vertiginosa, verdadeira babel interdiscursiva. É claro que esses processos não se dão sem contradições. Uma das questões que hoje é colocada como contraditória dentro do processo de multiculturalismo que vivenciamos é justamente a da democratização do acesso aos bens facultados pela globalização. Como nos alerta Canclini (1990), há que se ter presente que nossa contemporaneidade,

caracterizada pela disseminação pós-moderna e pela descentralização democratizadora, também se caracteriza pelas formas mais concentradas de acumulação de poder e centralização transnacional da cultura. Para nós se coloca, hoje, com agudeza, a questão do para quem se destinam os bens. Ou seja, se hoje redefinimos os conceitos de nação, povo, identidade, também o devemos fazer sem fecharmos os olhos para as contradições presentes nos processos multiculturais. O nosso mundo relativizou a origem canônica das linguagens, desconsiderando a idéia de um discurso primeiro do qual outros derivariam, procurando ler o mundo como uma malha de discursos que incessantemente se retomam, harmonizando-se, negando-se, desconstruindo-se mutuamente. Mas, por outro lado, aceitando a diversidade de leituras como homoganeamente constituidoras do real, apontando pretensamente para um lugar mais democrático de interlocução, perversamente esquece que são cortadas do universo do consumo da riqueza expandida das linguagens camadas inteiras da população. Volto, aqui, à questão do ensino. É cômodo para quem já passou pelos bancos acadêmicos, para quem já se apossou da linguagem mais elaborada da produção canônica ou da sofisticada linguagem da reflexão teórica, colocar no mesmo balaio todas as leituras do mundo, todas as formas de apropriação dos bens da cultura, sem valoração. Antes de ser cômodo, eu diria que é perverso porque reifica, reproduz posições de privilégio de acesso aos discursos. Trocando em miúdos. O nosso mundo chamado multicultural e globalizado acentuou as diferenças e separações. Se, por um lado, há muito de positivo na convivência dos discursos e sua valorização no espaço do mundo contemporâneo, e por extensão, nas salas de aula de literatura, por outro, muitas vezes, a pretensa democratização homogeneiza esses mesmos discursos, neutralizando a contradição que constitutivamente os enforma. Num espaço acadêmico tão viciado com a marca autoritária que caracteriza a escola brasileira, muitas vezes isto significa dizer que os que já são quase afásicos culturais se contentem com uma leitura única, a ligeira, a mais fácil, a da repetição, a da paráfrase, eximindo-nos da obrigação da abertura do acesso aos bens da cultura, aos campos híbridos do saber, aí incluídos os das “Altas literaturas”. Cumpre, então, preenchê-los, a esses discursos, com a reinvenção de vozes desarmoniosas e contraditórias. Não é só o mundo da literatura, mas o do cinema, o da propaganda, que exigem um leitor que se tenha apropriado de muitos textos e códigos. Um leitor que se aproprie desses códigos para uma leitura mais rica das linguagens do mundo, mas também uma leitura mais crítica. E a experiência estética, com sua faculdade de abranger outras, faz do texto literário um lugar de renovação e crítica das linguagens do mundo. É sempre interessante, a esse respeito, remeter às palavras do mestre Antonio Candido (1995), em ensaio sintomaticamente chamado “O direito à literatura”:

(...) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (p. 256)

Também a constatação que as culturas são inevitavelmente mescladas e mestiças, recoloca em questão suas identidades, a dependência econômica e a concomitante dependência cultural. E cumpre aos que ensinam literatura tornar públicas, através da disponibilização da riqueza discursiva do literário, essas vozes discursivas em contradição e sobretudo trabalhá-las criticamente por contradição. Não basta apontar aquilo que é contraditório, pensar “a” contradição. Mais rico e produtivo é pensar “por” contradição. Como nos salienta Edward Said (2003), um dos mais agudos críticos contemporâneos, cumpre o elogio do trabalho crítico de R. Willians que teria a:

(...) capacidade de ver a literatura não como um progresso liberal-conservador em consciência formal e estética, nem como um registro plácido, descomprometido e privilegiado do que a história forjou e que a instituição da literatura incorpora com mestria soberana, quase olímpica, mas como um lugar de disputa dentro da sociedade, em que trabalho, lucro, pobreza, expropriação, riqueza, miséria e felicidade são a matéria-prima da arte do escritor, em que a luta para ser claro, ou militante, ou neutro, ou comprometido está na própria natureza do texto. (p. 224)

Termino citando Hannah Arendt (1991) que, referindo-se a esta dimensão do acesso aos bens, diz que público:

(...) significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites do sentido – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequados à aparição pública. A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e, de modo geral, na transposição artística de experiências individuais. (p. 59-60)

Abstract

This essay aims to discuss the concept of literary space as a place of crossing of languages and also to discuss some aspects of literature teaching.

Key words: Literature; Inter-discourse; Teaching; Mediation.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, [19--].
- BARTHES, Roland. **Escritores, intelectuais, professores e outros ensaios**. Lisboa: Presença, 1975.
- BARTHES, Roland. **O rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio d'água, 1984.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. México: Grijalbo, 1990.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Cecília Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Literatura e vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa: volume único**. Organização Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- PAZ, Octavio. **Pasión crítica**. Barcelona: Seix, 1985.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.